

Escola de Estudos Militares Avançados: Um Acidente da História

General Huba Wass de Czege, Exército dos EUA, Reformado



Aristóteles e seu pupilo, Alexandre

A ESCOLA DE ESTUDOS Militares Avançados (*School of Advanced Military Studies — SAMS*) tem mais de 25 anos de idade. Algumas pessoas podem achar incrível que seja tão jovem, mas o que também é incrível, em retrospecto, é que ela exista. Esse acontecimento não era algo inevitável. Relembrar por que a SAMS começou é uma boa forma de marcar o 25º aniversário da escola. O que se pretendia, como surgiram as ideias centrais que definem o seu caráter distinto, quais foram os principais obstáculos e quais são as condições necessárias para que a escola sobreviva por mais 25 anos são temas que merecem uma análise profissional.

O general Huba Wass de Czege (reformado), do Exército dos Estados Unidos, foi um dos principais idealizadores do conceito de Batalha Ar-Terra do Exército e fundador e

A Necessidade de Estudos Militares Avançados

O currículo da SAMS deve sua origem a dois momentos de iluminação entre os líderes de mais alto escalão do Exército dos EUA:

- o entendimento de que a arte militar da nossa época exigia mais intelectualmente do que estávamos preparados para aceitar;
- o reconhecimento da necessidade de se ter humildade e admitir que os oficiais precisavam receber uma educação melhor do que a que tinham na época.

Esse início ocorreu em um momento em que o Exército questionava ativamente sua doutrina central. Em 1978, o general Bernard W. Rogers, então chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA, havia questionado todo o sistema de ensino para oficiais e iniciado um exame de cima para baixo chamado “Revisão da Educação e do Adestramento de Oficiais” (*Review of Education and Training for Officers — RETO*). O Exército também refletia sobre o seu desempenho no Vietnã e preparava-se para o presente e para o futuro imediato. Eu estava envolvido nessas duas iniciativas e era um dos oficiais de menor antiguidade no grupo de estudos da RETO — tinha acabado de me formar pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA (*Command and General Staff College — CGSC*). Em 1980, eu me vi no centro dos esforços para revisar como o Exército deveria pensar sobre travar a guerra com a União Soviética.

Esse trabalho era a segunda tentativa de se fazer uma atualização, pós-Vietnã, do Manual de Campanha *FM 100-5, Operations* (Operações), (que é agora o Manual de Campanha *FM 3-0*). Eu havia estudado bastante na CGSC e depois

primeiro diretor da Escola de Estudos Militares Avançados no Forte Leavenworth, Kansas. É formado pela Academia Militar dos Estados Unidos e tem mestrado pela Harvard University.

servido, com sucesso, como oficial administrativo de batalhão, oficial de operações (E/3) de brigada, adjunto do oficial de operações (E/3) de divisão e comandante de batalhão e, mesmo assim, não me sentia preparado para desempenhar aquela função. Notei que as outras pessoas ao meu redor, mesmo oficiais mais antigos, formados pela Escola de Guerra do Exército dos EUA (*Army War College*), estavam tão despreparadas quanto eu para pensar de forma crítica e criativa sobre a arte militar. Havíamos aprendido a doutrina militar da época, mas não como julgá-la, questioná-la e revisá-la de forma útil. Os oficiais do Exército (formados pela CGSC e pela *War College*) tinham uma memória histórica curta sobre a evolução dos métodos militares e estavam, portanto, presos ao presente e, assim, incapazes de visualizar mudanças. Alguns de nós podíamos citar Sun Tzu e Clausewitz, mas na verdade não os entendíamos.

O general-de-divisão William Richardson, comandante da CGSC na época, sentia essa mesma frustração. No segundo semestre de 1980, ordenou que os diretores da CGSC encontrassem formas de “melhorar o discernimento tático” dos alunos da CGSC. Eles apresentaram uma série de soluções. Sugeriram melhorias que eram úteis, mas simplesmente inadequadas para cobrir a imensa

distância entre o que éramos e o que precisávamos ser. O general Richardson havia abordado o problema certo, mas o Exército precisava de uma verdadeira mudança de paradigma para solucioná-lo.

A comissão de diretores da CGSC, no comando do general Richardson não tinha sido receptiva às minhas ideias sobre a necessidade de modificar o currículo. Em minha opinião, estavam fazendo ajustes dentro da estrutura convencional, mas precisavam sair dela. Desenvolvi ideias detalhadas para a criação de um currículo e de uma escola dedicada a atender àquela necessidade, mas evitei apresentar minhas ideias e esperei até ter uma oportunidade de conversar sobre elas a sós com o general Richardson. Como tinha trabalhado de perto com ele na doutrina

do Exército que mais tarde veio a ser conhecida como “Batalha Ar-Terra”, sabia que me daria a chance de expor as minhas ideias. No primeiro semestre de 1981, o general Richardson me convidou para acompanhá-lo em uma viagem de 21 dias à China para visitar as instituições chinesas de ensino para oficiais militares, que englobavam desde escolas para formação de oficiais até escolas para oficiais gerais. Essa viagem foi uma ocasião histórica, a primeira troca pacífica entre militares do Exército de Libertação Popular da China Comunista e do Exército dos EUA. Durante um cruzeiro pelo Rio Yang-tsé, um breve intervalo entre as visitas às escolas, tive finalmente a oportunidade de apresentar minhas ideias. Sugerir que o Exército

precisava escolher um pequeno grupo de cada turma da CGSC e colocar esses alunos em um programa educacional de nível de pós-graduação com duração de dez meses sobre como pensar sobre a arte militar.

Intenções Originais

A solicitação inicial feita pelo general Richardson por uma avaliação da CGSC e a subsequente identificação da necessidade de uma formação militar avançada apontaram para um currículo que cobriria o seguinte:

- a lógica subjacente à doutrina militar;
- como julgar a doutrina de maneira crítica;
- como pensar de forma criativa sobre a doutrina e a arte militar.

A SAMS não se destinava a ser um curso de doutrinação para especialistas em planejamento. Visava, sim, a ser um curso para generalistas que iriam liderar o Exército de todas as formas, principalmente no campo intelectual. Não se destinava a ser um curso para Estado-Maior de nível operacional, mas sim a educar oficiais selecionados sobre os princípios fixos aplicáveis a todos os níveis de conflito. Uma suposição implícita era que, antes do curso, os alunos já houvessem sido instruídos em detalhe pela CGSC sobre os métodos atuais das operações em todos os níveis. A SAMS se destinava, portanto, a ensinar a



Carl von Clausewitz (1780–1831)

lógica subjacente à doutrina atual e como ela havia evoluído e continuaria a evoluir, à medida que as missões, tecnologia e outras condições mudassem.

Alguns de nós podíamos citar Sun Tzu e Clausewitz, mas na verdade não os entendíamos.

Quando o general Richardson pediu ao corpo docente da CGSC que melhorasse o discernimento tático, penso que ele quis dizer tática e arte operacional. Na verdade, a evolução do método tático estava no cerne da transformação pós-Vietnã. Sabíamos que haveria uma rápida mudança tecnológica e acreditávamos que o Exército precisasse de um núcleo de oficiais que pudessem desenvolver métodos táticos com a maior rapidez que a tecnologia permitisse. Alguns anos depois da formação da SAMS, o curso foi modificado para enfatizar o “nível operacional” da arte militar.

A meu ver, essa não foi uma decisão acertada. O Exército poderia ter se adaptado à “era digital” muito mais rapidamente se o foco teórico mais abrangente do curso inicial tivesse sido mantido. Institucionalmente, ele poderia ter se dado conta mais cedo do que os pelotões, companhias e batalhões no terreno deviam fazer para levar a paz a um povo traumatizado — a simples, mas inevitável lógica de “limpar, manter e construir” que finalmente se desenvolveu no Iraque.

Acho que o motivo para a mudança que deixou a tática para trás foi que alguns líderes do mais alto escalão não entendiam a diferença entre doutrinação e um ensino de imersão. Entretanto, houve também um reconhecimento da necessidade de abordar as operações no escalão de divisão e acima. O Exército não havia pensado em termos de manobra em grande escala desde a Segunda Guerra Mundial e a principal mudança de doutrina introduzida em 1982

havia se concentrado em manobras no escalão de divisão e corpo de exército. Apesar de a CGSC ter exposto os alunos a exercícios de planejamento para operações naquele nível, os oficiais mais antigos do Exército em 1982 haviam sido oficiais no escalão de companhia durante os curtos períodos de manobra da Guerra da Coreia. Portanto, não havia oficial algum no Exército que tivesse alguma experiência (real, simulada ou virtual) no planejamento ou execução de operações com manobras profundas de grande escala. A maioria dos exercícios de campanha de divisão e acima durante a década de 70 e início da década de 80 consistia em alguns dias de manobras no escalão de batalhão e brigada, que terminavam com uma “liberação nuclear”.

Outro ímpeto para aprender sobre as manobras no escalão de divisão e corpo de exército decorreu da tentativa de se repensar a doutrina, na época. Percebemos que, dado o impasse estratégico nuclear de “destruição mútua garantida” e os custos políticos de ser o primeiro a apertar o botão, as autoridades políticas poderiam esperar até que vissem a inevitabilidade da derrota e, se o inevitável fosse suficientemente adiado, a diplomacia poderia recongelar a ação. Isso tornou imperioso ganhar a primeira batalha e as batalhas subsequentes, fazendo, assim, com que os ataques convencionais falhassem e com que a vontade ofensiva soviética se desmoronasse.



A morte de Sócrates (Jacques-Louis David, 1787)

Em algum lugar, de algum modo, os oficiais precisavam ser capazes de conceber operações profundas nesses níveis. Em 1981, não existia um currículo do Exército ou das Forças Conjuntas que abordasse a arte militar de fazer campanhas com a profundidade adequada. No segundo semestre de

A jornada de aprendizado devia abordar o conflito não só com Estados, mas também com insurgentes.

1985, deixei o Forte Leavenworth para comandar uma brigada depois de criar duas turmas com a capacidade de fazê-lo. Quase metade daqueles alunos comandou brigadas e aproximadamente um terço deles se tornou oficiais gerais.

Moldando o Caráter Distinto da SAMS

Minha discussão com o general Richardson quando estávamos na China durou menos de uma hora. Foi nesse contexto que formulamos as principais ideias que conferiram à SAMS o seu caráter distinto, que se mantém até hoje. O ensino na escola deveria ser uma “jornada de aprendizado”, desde o escalão de companhia até o escalão da força-tarefa conjunta. Esse conceito era resultado de um ponto de vista comum de que uma boa “arte operacional” depende de uma compreensão básica da dinâmica tática — uma compreensão teórica de como as armas combinadas atingem os objetivos. A jornada de aprendizado devia abordar o conflito não só com Estados, mas também com insurgentes. O assunto tratado deveria ser *integrado* por um corpo docente “modelo” com uma alta proporção professor-aluno. A Escola deveria contar com três formas básicas de ensino: seminários seguindo o método socrático com estudos de casos históricos e teoria militar pertinente; estudos de casos modernos estruturados, planejados e executados usando-se simulações apropriadas e acompanhamento de especialistas; e participação em planejamento de Estados-Maiores no escalão de divisão e corpo de exército em exercícios de campanha no mundo real na Europa e na Coreia.

No final da nossa discussão, o general decidiu que o ano seguinte seria dedicado a estabelecer as bases para a escola. Ele estava sendo enviado para servir como subchefe de Operações do Estado-Maior do Exército, sob o comando do general Edward C. “Shy” Meyer, que tinha sido seu colega em West Point, o que ele revelou durante a nossa conversa. O general Richardson se empenharia em estabelecer a escola a partir do seu posto no Pentágono e eu passaria meu ano seguinte não em Carlisle estudando o currículo da *War College*, como era o plano do Exército, mas trabalhando em meu próprio currículo, dedicado a pesquisar e projetar uma escola para estudos militares avançados. Eu deveria criar o currículo e tomar as medidas necessárias para estabelecer a escola no Forte Leavenworth. Dentro de um programa chamado “Programa de Pesquisador Adjunto do Exército” (*Army Research Associate Program*) eu ganharia ao mesmo tempo um diploma da *War College* e visitaria o general Richardson todos os meses para informá-lo sobre o meu progresso.

Obstáculos Principais

No início, havia quatro obstáculos principais. O primeiro foi defender as vantagens de dedicar o corpo de talentos do Exército em meio de carreira a despendar tempo na “escola” e não em “campanha”. O argumento que escolhemos foi que uma turma de estudantes poderia se formar pelo preço de um carro de combate M-1 Abrams e que o conhecimento obtido e utilizado em combate recuperaria esse custo muitas vezes. Além disso, o período usado na escola não ocorreria em detrimento do tempo para funções em campanha. Substituiria o tempo de serviço fora de campanha. Os alunos poderiam ter a experiência em campanha e mais um ano de ensino. Argumentamos também que o maior sucesso deles resultaria em carreiras com maior duração média. Acho que esse argumento ainda é válido, considerando-se o êxito dos que se formaram na escola.

Outro obstáculo a ser superado foi a sensibilidade do Exército à criação de uma trajetória de “Estado-Maior” ou de “elite” para a obtenção das estrelas de general. Acreditava-se, por exemplo, que o que era importante para a promoção não era a educação militar, mas a estampa da seleção. Nós contornamos esse problema deixando de usar um processo de seleção pela diretoria e pedindo que os

alunos se “autosselecionassem” como candidatos enquanto estavam na CGSC e pedindo que o corpo docente escolhesse os candidatos que se qualificavam.

O terceiro obstáculo foi criar um currículo baseado em estudos de caso e encontrar professores adequados em menos de um ano. A primeira parte foi resolvida com muito trabalho, com muitas horas de dedicação e com o talento dos tenentes-coronéis Hal Winton e Doug Johnson, ambos doutores em História por universidades da tradicional e conceituada Ivy League. Eles já eram professores no Forte Leavenworth e se tornaram parte da equipe de desenvolvimento. Foi muito difícil encontrar professores adequados para a SAMS utilizando-se o processo normal de designação de oficiais. Criamos o programa de “Bolsa de Estudos de Arte Operacional Avançada” (que era, no início, uma repetição do que eu havia feito para obter meu diploma na *War College*) para preparar instrutores que liderariam um seminário para majores na SAMS. Esse programa foi ampliado mais tarde, passando de um para dois anos de duração, e produziu oito bolsistas no terceiro ano. Tem funcionado muito bem desde então.

Um quarto obstáculo foi garantir que o Exército colocasse o produto da sua escola onde o ensino não só fosse utilizado, mas tivesse continuidade. A solução foi designar todos os que haviam se formado para comandos em campanha que se comprometessem a dar-lhes funções de “qualificação para armas e serviços” para o posto de major enquanto eles continuavam seus estudos em operações servindo no planejamento de Estados-Maiores de uma divisão ou corpo de exército. A primeira função garantia que o ano extra no Forte Leavenworth não prejudicasse as chances de promoção por causa da falta de experiência em nível de batalhão. A segunda consolidava o conhecimento teórico e expunha o ex-aluno a oficiais generais que eram os táticos de primeira linha do Exército. O general Meyer e os subsequentes chefes de Estado-Maior expressaram esse desejo de obter comandantes

de divisão e corpo de exército em cartas pessoais. Esse uso disciplinado de um novo meio valioso é a verdadeira chave para o sucesso da SAMS.

Entre os oficiais de alto escalão que seguiram o general Richardson como comandantes sucessivos e subcomandantes no Forte Leavenworth, os generais Merritt, Saint, Vuono e Palmer foram os maiores defensores e os que mais contribuíram para definir a SAMS no período em que eu era diretor. Acima de tudo, a SAMS foi e é definida por seus excelentes professores e bolsistas. Dos professores que contratei, apenas Robert Epstein, um renomado historiador de campanhas militares e arte operacional, permanece na escola.

Condições para Sobrevivência

A Escola de Estudos Militares Avançados continuará funcionando por mais 25 anos caso se mantenha fiel às suas origens. Os desafios para os quais foi criada se tornaram mais complexos no nosso mundo em rápida transformação, em que a incerteza e novos tipos de missão são a norma. A arte militar continua sendo um grande desafio, como sempre foi — tanto em termos intelectuais quanto físicos. Conhecer seus princípios hoje, como sempre, salva vidas e economiza dinheiro. Quanto melhor se entender a arte militar, mais



Genghis Khan (c. 1162–1227) Uma mente desimpedida pela doutrina.

rapidamente se obterá a vitória. Entender a arte implica competência para julgar e revisar a doutrina, e essa capacidade não será exigida se os profissionais mais antigos do Exército decidirem que é mais importante doutrinar do que educar. Pelo menos alguns dos seus sucessores devem se aprofundar suficientemente em teoria operacional para se conscientizarem dos efeitos embotadores do pensamento grupal doutrinário. O Exército está cheio de oficiais doutrinários porque é assim que são formados — valorizam o pensamento convencional entre os líderes com menor antiguidade. O Exército recompensa os oficiais por aderirem totalmente à doutrina. Entretanto, as nossas forças militares precisam de um núcleo de líderes cuja imaginação transcenda essa postura.

A imaginação e a criatividade serão sempre necessárias, assim como um grande conjunto de conhecimentos voltados para a tomada de decisões em uma ampla gama de condições imagináveis — a doutrina não é capaz de atender a essas necessidades. Se doutrinar os alunos para o pensamento grupal da última Revisão Trimestral da Defesa (*Quarterly Defense Review*), um exercício movido tanto por grupos de interesse e compromissos programáticos quanto por análise racional, a SAMS fracassará na sua missão. Se os mais recentes conceitos doutrinários do Exército e da Força Conjunta — produtos automáticos do menor denominador comum da experiência intelectual — se tornarem o padrão pedagógico da SAMS, o programa não inculcará a habilidade necessária para julgar e questionar. Acabará não atingindo seu objetivo original de liderança criativa e crítica institucional.

O corpo docente da SAMS precisa usar os valiosos dez meses de que dispõe para fornecer uma “jornada de aprendizado” extremamente produtiva, avaliada em termos de longo prazo e não curto prazo. A diferença entre uma escola de pós-graduação para civis e um curso profissional é que, no modelo civil, o cliente é o aluno e, no modelo profissional, o cliente é a profissão. Nos dois casos, o cliente escolhe o caminho da jornada. A profissão esclarecida doutrina para o curto prazo, mas educa para o longo prazo.

Durante os últimos anos da Guerra Fria, a jornada na SAMS incluiu teoria e estudos de caso de contrainsurgência, embora não se soubesse quando esse conhecimento seria utilizado. Do mesmo modo, a SAMS deve agora dedicar uma parcela significativa da jornada de aprendizado para operações chamadas “convencionais” e de grande escala contra Estados, já que esses conflitos poderão aparecer em uma forma contemporânea. (Não serão “tradicionais” em sentido algum.) Por exemplo, a teoria básica para empregar a força militar para dissuadir, atacar, defender e pacificar em qualquer escala não mudará, mas a tecnologia, condições mundiais e situações locais moldarão os métodos contemporâneos. Retravar as batalhas e campanhas históricas de uma forma nova e moderna é algo educativo. Aplicar teorias antigas nas condições modernas para inventar novos métodos e testar sua validade é algo educativo.

A SAMS precisa, portanto, recalibrar-se quanto à base lógica e teórica da arte operacional conforme segue:

- compreender a dinâmica dos soldados, evolução das armas e formas de adaptação dos inimigos;
- preparar-se para atuar entre uma variedade de povos;
- utilizar formas mais modernas de comunicação e interação.

Essa complexidade embaralha processos mecânicos encontrados em uma doutrina inevitavelmente antiquada e torna a necessidade de pensamento crítico e criativo ainda mais imediata. Não se pode pensar de forma crítica ou criativa sem entender profundamente o assunto que precisa ser examinado. As disciplinas acadêmicas que não promoverem a compreensão da arte militar, apesar de importantes, serão mais bem ensinadas em outras escolas. A SAMS precisa se concentrar no que promove a vitória.

O início da SAMS pode ter sido acidental, mas seu final é previsível. A SAMS continuará existindo enquanto os profissionais de mais alto escalão do Exército valorizarem o pensamento crítico e criativo, e a SAMS oferece esse produto. Qualquer contador pode contabilizar o custo de um empreendimento, e esse custo sempre será uma questão a ser considerada, mas o valor real de algo não está em números. As Operações *Just Cause* e *Desert Storm* demonstraram o valor da SAMS para o Exército; era possível constatar que os resultados provinham de alunos que tinham obtido efeitos palpáveis. Ainda não vimos essa ligação no Iraque e no Afeganistão — os nomes dos que receberam o mérito de ter encontrado o caminho para o sucesso no Iraque não podem ser encontrados nas listas de antigos alunos da SAMS. Talvez o currículo da escola tenha sido fraco nas áreas relevantes. Se a SAMS não produzir pensadores críticos e criativos, a atenção do universo de talentos será atraída por outros empregos profissionais. O Exército não liberará seus principais talentos para um segundo ano de estudos no Forte Leavenworth se tiver trabalho mais urgente para eles em outro lugar. Os que se formam pela SAMS, os membros do corpo docente, e o Exército que a promoveu: todos merecem parabéns. Não é hora de se acomodar, porém. Os que se formaram pela SAMS devem ser os críticos mais ardentes e vigilantes da escola. **MR**